



CIRO ALMEIDA DA SILVA

**NAZIAZENO: UM HERÓI PROBLEMÁTICO EM *OS RATOS*, DE DYONÉLIO
MACHADO**

**REDENÇÃO - CE
2017**

CIRO ALMEIDA DA SILVA

NAZIAZENO: UM HERÓI PROBLEMÁTICO EM *OS RATOS*, DE DYONÉLIO
MACHADO

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para aprovação na disciplina ministrada pela Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra.

RESUMO: O presente trabalho analisou o romance *Os ratos* do escritor Dyonélio Machado, publicado em 1935. O romance foi enquadrado no que se convencionou chamar de romance de 1930 (SILVA, 2013, p. 6). A temática que lhe serve de *leitmotiv* trata de evidenciar as contradições no seio do mundo burguês. Acreditamos no pressuposto de que para discutir a injustiça e a desigualdade social Machado (1935) forja um protagonista que não se encaixa em nenhum arquétipo, um herói problemático. Se penso na categoria do herói problemático, penso em LUKÁCS, mencionado por ARANTES (2008, p. 94). Desse modo, o objetivo da investigação, é a compreensão de quais características na construção do protagonista, Naziazeno Barbosa, representam a sua degradação quanto a uma condição de herói problemático dentro do contexto histórico 1930. Trabalhamos com a hipótese de que o herói problemático, através de sua inadaptação à urbe, denuncia a sociedade capitalista de forma alegórica. Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Concluimos que, no conjunto de episódios, conforme previa Lukács, na obra discutida as relações humanas perdem sua condição de humanidade e transformam-se em relações entre coisas, isto é, num processo de reificação. Encontramos uma sociedade construída sobre valores de cunho essencialmente materialista que ignora a subjetividade do ser e a rebaixa de tal forma que o homem se despe do que lhe faz humano e o transforma num herói problemático.

Palavras-chave: Herói Clássico. Herói Problemático. Literatura e Sociedade.

ABSTRACT: The present work approaches the novel *Rats* of the writer Dyonélio Machado, published in 1935, the novel was integrated in which is conventionally called a novel of 30 (SILVA, 2013, page 6). The thematic that serves as *leitmotiv*, consists in highlighting the contradictions in the base of the bourgeois world. In the present text, we believe that in order to discuss injustice and social inequality Machado (1935) creates a protagonist who does not fit into any archetype, a problematic hero, if I think in the category of the problematic hero, I think for example in LUKÁCS, mentioned by ARANTES, (2008, p.94). Thus, the objective of the investigation is the understanding of what characteristics in the development of the protagonist, Naziazeno Barbosa represents its degradation as a problematic hero condition within the historical context 1930. We work with the hypothesis that the problematic hero through his maladjustment to denounces urban capitalist society allegorically. From the methodological point of view, a bibliographical research is accomplished of the subject in question. We conclude that, in the set of episodes, as Lukacs predicted, in the novel discussed, the human relations lose their condition of humanity and become relations between objects, this is, a process of reification. We find a society built on essentially materialistic values that ignore the subjectivity of being and lower it in such a way that the man lose what makes him human and turns him into a problematic hero.

Keywords: Classic Heroes. Problematic Heroes. Literature and Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 OS RATOS (1935), DE DYONÉLIO MACHADO E A PORTO ALEGRE, DA DÉCADA DE 1930.....	09
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL, REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA E EXPERIÊNCIA URBANA NO ROMANCE DOS ANOS 1930.....	12
2.1 <i>Literatura regionalista do século vinte</i>	15
2.2 <i>Literatura regionalista e a experiência urbana no romance dos anos 1930</i>	23
3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O HERÓI CLÁSSICO E O HERÓI PROBLEMÁTICO.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Nesta monografia trataremos do romance *Os ratos* do escritor gaúcho Dyonélio Tubino Machado, publicado em 1935, a obra, como afirma Silva (2013, p. 6), foi enquadrado no que se convencionou chamar de romance de 1930. O propósito deste texto é analisar as características na construção do protagonista, Naziazeno Barbosa, que representam a sua degradação quanto a uma condição de herói problemático dentro do contexto histórico da década de 1930. Nesse sentido, nos empenhamos em investigar o herói clássico e herói problemático, realizando, assim, algumas possibilidades de leituras sobre o tema. O presente estudo trata do espaço urbano, das desigualdades sociais, das sociabilidades na sociedade capitalista e seus sintomas sociais e psíquicos sobre a personagem.

Quanto ao desenvolvimento das cidades brasileiras, vale ressaltar o papel do Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX:

A Capital Federal deveria ser transformada em símbolo do desenvolvimento e da pujança brasileira. Uma espécie de cartão postal para ser mostrado para o mundo. Esta a pretensão dos representantes das elites políticas na passagem do século XIX para o XX. Internamente, este ideário justificava o “apartheid” social. Era um Rio de Janeiro buscando a redenção através de remédios consagrados pelas teorias científicas daquele período. A Europa foi o referencial. A nossa inserção na vida republicana carregou a mácula do racismo, bem como foi pautada pelo intento de domesticar pela força e pela arbitrariedade as camadas populares. Neste sentido, a construção de uma grande civilização passava pelo branqueamento progressivo e pela purificação da raça, coisas possíveis pelo contato intenso com a chamada “cultura superior”. Muitos de nossos intelectuais e homens públicos partiam de fatores raciais e preconceituosos para explicar o subdesenvolvimento, esqueciam, é claro, a submissão de nossa economia no contexto capitalista internacional (MELERO, 2012, p. 12).

Nessa linha de pensamento, o processo de urbanização mudou a vida nas cidades e intensificando os problemas das desigualdades sociais. Segundo Neto:

A urbanização deve ser entendida como um processo social e espacial, no qual, a população rural é levada a deixar o campo para morar na cidade e nela, ter de enfrentar suas contradições. As cidades estão compostas de uma sociedade de classes sociais desiguais e que tem o seu espaço urbano como o lugar onde se manifesta os mais diversos problemas e dentre eles os relacionados com o meio ambiente, a pobreza e a miséria e também a constante violência (2011, p. 125).

Ainda verificamos que, no caso do Brasil, o processo de urbanização intensificou-se com a industrialização. Para Neto (2011), a urbanização começou pela região Sudeste e em poucas décadas foi se alastrando por todo o território. Complementa o autor que houve uma aceleração no processo da urbanização do Brasil confirmando uma característica dos países capitalistas dependentes. Assim como no Rio de Janeiro, em Porto Alegre ocorreu um processo de modernização, como, por exemplo, uma nova linguagem arquitetônica:

O processo de modernização da arquitetura em Porto Alegre manifesta-se, gradativamente, ao longo dos anos 20, com os primeiros exemplares de cunho modernista, os ditos prédios utilitários, como aqueles destinados às fábricas, depósitos e armazéns. A década de 30 abre caminho para uma nova linguagem arquitetônica, oriunda da França e dos Estados Unidos, que se alastra rapidamente pelo sul da América Latina, principalmente na Argentina e no Uruguai, calcada, nesta região, sobretudo pela retirada dos ornamentos com características historicistas das edificações, e pela simplificação das formas, movimento conhecido por Art Decó. Podemos considerar que o ápice do Decó, em Porto Alegre, manifesta-se durante a Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935 (ANDRADE, 2011, p. 1).

Podemos observar que os processos de urbanização trazem implicações no cotidiano das pessoas, percebemos que estas mudanças abrigam em si uma estrutura que muda a realidade social, cultural e urbana. Dessa forma, identificamos que as retiradas dos ornamentos com características historicistas das edificações em Porto Alegre marcaram o começo do processo de modernização, inferimos que o processo de urbanização mudou o cotidiano do porto alegreense.

Ainda sobre o processo de modernização, compreendemos que o desenvolvimento de um país ou estados-nação é uma questão complexa, que envolve não só crescimento econômico, mas sobre tudo, fatores que impactam a qualidade de vida das pessoas. Atentamos para o fato que, Bresser-Pereira adverte que do lado da oferta, o crescimento econômico depende da educação, do desenvolvimento tecnológico e da acumulação de capital em máquinas e processos mais produtivos (BRESSER-PEREIRA, 2008, p. 02). E José Vieira Neto complementa que “o processo de urbanização não deve ser entendido como um simples acontecimento na história de um país ou apenas de mudança no local de moradia de um povo. Ele implica em mudanças na vida das pessoas e gera muitas contradições” (2011, p. 127).

Deste modo, a concentração de riquezas acentuou as diferenças entre classes e consequente resultou na urbanização das grandes cidades. Sobre as muitas contradições, podemos citar como exemplo, a escassez de recursos financeiros no campo, o que faz os

trabalhadores buscarem qualidade de vida nas cidades. Neste contexto, pode-se considerar que a mecanização do campo, “a especulação e concentração fundiária restringiram de forma impiedosa o acesso à terra pelos pequenos produtores e reduziram a demanda por mão-de-obra, gerando um grande êxodo rural” (MARTIN apud CUNHA, 2005, p.11).

Assim, no início de século XX, a indústria foi um instrumento de povoamento, alguns estudos apontam que a partir da década de 1930, o país começou a industrializar-se, como o trabalho no campo era árduo e a mecanização da agricultura no Brasil já provocava perda de postos de trabalho, uma leva de trabalhadores foram atraídos para as cidades com intuito de trabalhar no mercado industrial que crescia.

No que se refere à mecanização da agricultura brasileira, Monteiro (2015) aponta que “a primeira colheita mecanizada de arroz no Brasil começou nos anos 1930 no Rio Grande do Sul”. Em suma, a mecanização da agricultura e a concentração fundiária restringiu o acesso à terra pelos pequenos produtores resultando na redução da demanda por mão-de-obra, gerando um grande êxodo rural.

Foi durante esse processo de urbanização, os trabalhadores rurais presenciaram alguns obstáculos, como por exemplo, as questões pertinentes sua ocupação profissional, “como se sabe, essa variável pode ser afetada pela simples mudança de quadro domiciliar (rural para urbano ou vice-versa)” (CUNHA, 2005, p. 08). Nessa direção, os trabalhadores rurais adquiriram uma certa vivência urbana, mas ao mesmo tempo muito diferente da sua experiência social no campo. Quanto aos pólos metropolitanos, em suma, é bastante visível que:

As mudanças urbanas só começam acontecer, e de forma muito tímida, a partir de 1900, com o início da execução das infraestruturas urbanas e dos novos bairros populares. A mecanização dos meios de transporte urbanos permite a expansão das cidades para a periferia e a verticalização especulativa dos centros. As propriedades imobiliárias passam a ser um grande negócio. Destaca-se nesse período a criação dos pólos metropolitanos de São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. (ZORRAQUINO, 2005, p. 34)

Com a urbanização e a reforma das cidades, temos uma modificação no cotidiano das pessoas e do mundo do trabalho. Ao nosso ver, o romance *Os ratos* tenta captar e estilizar a problemática da urbanização e industrialização da cidade. Daí se pode perceber que se trata da tradição e do progresso de Porto Alegre.

Neste trabalho, consideramos aspectos sociais do romance *Os ratos* evidentemente, como obra literária, ele não pode ser entendido como um documento histórico da época. Mas não há como ignorar que a obra, que cria um painel de Porto Alegre nos anos 1930, mostra o processo de urbanização do território com seu contexto histórico, político e social. Neste sentido, a metrópole vai sendo traçada aos poucos, conforme as vivências do protagonista, Naziazeno Barbosa que tenta decodificar os sentidos da vida urbana através de suas andanças.

Deste modo, o romance possui inúmeros detalhes que vão sendo revelados em uma descrição que mostra uma cidade, tal como expôs Zorraquino (2005, p. 10, 11), especulativa que se segmenta em territórios excludentes, separando as classes abastadas das camadas populares. Estas relações de natureza política, econômica e social representadas de modo fictício no romance *Os ratos* estavam muito presentes no país. Diante desse cenário desfavorável, Naziazeno Barbosa, é um homem que experimenta grande saudade da vida pacata e das relações humanas presente no meio rural.

Adiante, serão abordadas as questões do herói problemático sob uma perspectiva de que ele é construído em oposição ao herói clássico. Neste texto, procuramos discutir *Os ratos* com base nas afirmações de Velinho (1944) mencionado por Paes (1990 p. 39), que reconhecem o romance de Dionélio Machado, como o mais radical romance de pobre diabo encontrável na literatura brasileira.

Empreendemos a revisão da fortuna crítica do romance em causa, acerca dessa temática Gonçalves (2010, p. 16) verificou “que, não é fácil ter acesso à fortuna crítica de Dyonélio Machado, inclusive pelo fato de essa não ser muito ampla”. Desta maneira, a presente monografia se justifica de modo a contribuir para diminuir a escassez de trabalhos acadêmicos a respeito das obras de Dyonélio Machado.

Acreditamos que um estudo sobre o romance *Os ratos*, é um exercício que ajuda a percebermos processos de dominação da elite e de resistência das classes menos favorecidas. Neste sentido, o que nos mobiliza é articular as relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político. Esse exercício, permite refletirmos sobre as condições de miséria e pobreza existentes durante o processo de modernização e que permanecem atualmente.

1 OS RATOS, DE DYONÉLIO MACHADO E A PORTO ALEGRE, DA DÉCADA DE 1930

A respeito de *Os ratos*, é possível afirmar que Dyonélio Machado sintetiza de forma alegórica, a imagem da sociedade capitalista marcada pela cor local porto-alegrense. Considera-se ainda que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 2006, p. 14).

Publicado em 1935, *Os ratos* foi enquadrado no que se convencionou chamar de romance de 30 e por isso o significado da obra de Dyonélio Machado reside na sua contemporaneidade. Se quisermos alcançar esse significado, em sua riqueza concreta, devemos lembrar que a contemporaneidade é também a época da industrialização, das lutas e resistência dos trabalhadores. Desse modo, nos apropriamos das palavras de Gohn (2000, p. 15-16):

No início deste século a questão social mudou com o advento da República e com a substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada, composta massivamente pelos imigrantes. As classes dominantes eram as mesmas elites agrárias vinculadas à burguesia inglesa, hegemônica no período. Mas o modo de produção se altera com a incipiente industrialização e a formação de um proletariado urbano. Com ele surgem as organizações de luta e resistência dos trabalhadores expressas em ligas, uniões, associações de auxílio mútuo etc.

Em suma, a produção em larga escala e um mercado mundial veio a marcar em diferente grau todos os países do globo. E que resultou também em radicais mudanças sociais, por exemplo, o nascimento do proletariado e as explosões demográficas.

Luis D. Zorraquino em sua obra, *O Processo de urbanização brasileiro e a formação de suas metrópoles*, escreveu que:

A passagem do modelo territorial rural ao urbano produz-se fundamentalmente na segunda metade do século XX, quando o processo de “industrialização dependente” do País já está bastante avançado, precisando da concentração da mão-de-obra nas cidades. É então que se dá o forte processo de migração do campo para a cidade, para constituir o exército de reserva necessário para o trabalho assalariado nas fábricas e nos serviços (2005, p.10).

O autor adverte que em consequência também mudam as novas demandas urbanas por transportes, equipamentos, serviços e infraestrutura coletivas.

Desse modo, tratou-se de um processo imenso que teve andamentos não muitos lineares, mas fortemente direcionados, contagiando intimamente o mundo político inclusive. Nos locais em que a industrialização é tardia se caracteriza como “salto”, até mesmo, um salto populacional. Sobre as explosões demográficas, Santos (1996) mencionado por Zorraquino (2005, p.45) aponta, que no Brasil, o índice de urbanização pouco se modificou entre o fim do período colonial e 1920. Ainda, segundo o autor, entre 1920 e 1940, a taxa da população urbana cresceu substancialmente triplicando.

Ano	População total	% População urbana
1872	10.112.061	entre 6,00 e 10,00
1890	14.333.915	entre 7,00 e 10,00
1900	18.200.000	9,50
1920	27.500.000	10,70
1940	41.252.944	entre 31,00 e 32,00

Quadro 1: Evolução da população total do Brasil e as porcentagens aproximadas da população urbana

Fonte: SANTOS. M. 1996, p. 21, apud ZORRAQUINO, 2005, p.45.

Nota: Adaptado pelo autor

O gráfico seguinte apresenta a evolução da população total do Brasil entre 1872 a 1940:

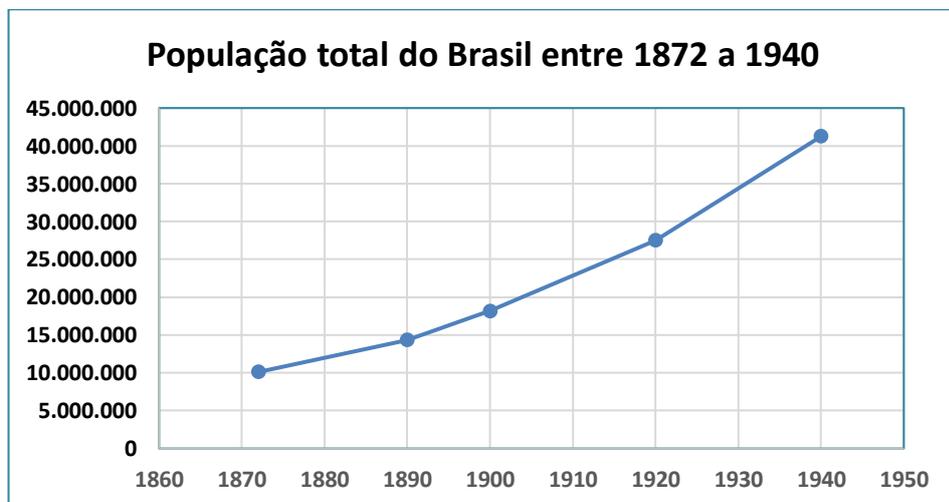


Gráfico – 1 Evolução da população total do Brasil entre 1872 a 1940

Fonte: SANTOS. M. 1996, p. 21 apud ZORRAQUINO, 2005, p.45, e elaboração própria

Assim, o quadro e o gráfico, acima, oferecem uma síntese das explosões demográficas que ocorreu entre 1920 e 1940.

Torna-se importante destacar, que a partir da década de 1930, nesse contexto de mudanças que se começam a desenvolver as primeiras políticas sociais no Brasil, com o surgimento de um moderno Estado de Bem Estar Social.

A área social brasileira desde o período colonial se desenvolveu por meio de ações fragmentadas. Até então as ações sociais ficava de responsabilidade de irmandades religiosas, das sociedades de auxílio mútuo e às Santas Casas de Misericórdia. A partir da década de 1930, o Brasil começa a apresentar mudanças, tanto econômica com a mudança de seu modelo de desenvolvimento econômico – passando de um modelo agrário exportador para um modelo urbano industrial - quanto uma mudança política com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder – um o Estado de caráter populista. É nesse contexto de mudanças que se começam a desenvolver as primeiras políticas sociais no Brasil, com o surgimento de um moderno Estado de Bem Estar Social (FREITAS apud PINHEIRO JUNIOR, 2014, p. 06).

Não podemos deixar de lembrar que na década de 1930 estávamos passando de uma sociedade tradicional para uma sociedade de consumo de massa.

O surgimento do moderno Estado de Bem Estar Social, pode ser interpretada por um caráter dual sob a orientação do modelo dual sociedade moderna/sociedade tradicional, em que se acredita que a sociedade brasileira passava por um momento de atraso ou de subdesenvolvimento para uma situação de desenvolvimento, que ocorria por meio de etapas (PINHEIRO JUNIOR, 2014, p. 06-07).

Freitas (2005) mencionado por Pinheiro Junior (2014, p.45), esclarece que os estudiosos trabalham com o pressuposto que o bom caminho que toda nação deveria seguir para se desenvolver é passar de uma sociedade tradicional para uma sociedade de consumo de massa (FREITAS apud PINHEIRO JUNIOR, 2014, p. 07).

Assim, a década de 1930 é o período do qual trata a narrativa de *Os ratos*. É então período também pode ser caracterizado como um período de expansão massiva e mudança de modelo econômico, como vimos anteriormente, a sociedade brasileira passava transformação que ocorriam por meio de etapas. Deste modo, devemos considerar que é um momento de crescimento com características de política de massas, por exemplo, a implantação de programas sociais e implantação do salário mínimo no período do governo Getúlio Vargas (1930-1945) que procurava conter as classes subalternas e principalmente as classes operárias.

Estas considerações nos levam ao romance *Os ratos* que trata alegoricamente da sociedade de Porto Alegre nos anos 1930.

Dyonélio Tubino Machado¹ nasceu em Quaraí, no Rio Grande do Sul, em 21 de agosto de 1895. É filho de uma família que foi marcada pela a escassez de recursos financeiros, principalmente após a Primeira Guerra Mundial. Superou todas as dificuldades da época e se tornou um grande escritor gaúcho, embora nunca tenha chegado a receber da crítica literária brasileira muito espaço. Como as vidas humanas estão cheias destas combinações de acaso, necessidade e a mortalidade é incontornável, o escritor Dyonélio Machado viria a falecer na cidade Porto Alegre em 1985.

Além de *Os ratos*, dentre suas várias obras, destacamos: *Um Pobre Homem* (1927) cuja edição, foi custeada pelo próprio autor, após encontrar muita dificuldade para realizar a publicação através de uma editora; *O louco do Cati* (1942); *Deuses econômicos* (1966); *Endiabrados* (1980); *Fada* (1982); *Ele vem do fundo* (1982) e *O estadista* (1982).

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL, REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA E EXPERIÊNCIA URBANA NO ROMANCE DOS ANOS 30

Acerca do regionalismo sua história “começa com base na descoberta do Brasil e com propriedades de se conhecer a fundo o país e o afirmar com base na valorização e na retratação de suas peculiaridades” (CÂNDIDO apud SARAIVA, 2009, p. 03).

Há assim na literatura brasileira, desde os tempos do Romantismo, textos que trazem referências às temáticas regionais como afirmou, Albuquerque mencionado por Germano:

A literatura brasileira, desde os tempos do Romantismo, traz referências às temáticas regionais, à tentativa de exprimir, através do literário, a expressão de um povo em consonância com os propósitos culturais de demarcar os horizontes nacionais, a “comunidade política imaginada” cuja fraternidade e desejo de irmandade nacionalista servem de fomento para a origem da nação através de símbolos, elementos culturais, histórias comuns, compartilhar de sonhos (2012, p. 2).

¹ O escritor gaúcho Dyonélio Machado (1895-1985) nunca recebeu da crítica literária brasileira muito espaço. Médico psiquiatra, estreou na ficção em 1927 com um livro de contos intitulado *Um pobre homem*, cuja edição foi custeada pelo próprio autor, após encontrar muita dificuldade para realizar a publicação através de uma editora. Em 1935, enquanto se encontrava preso devido a ligações suas com o partido Comunista, o autor tinha o seu livro de maior sucesso, *Os Ratos*, recebendo o Grande Prêmio de Romance Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional. (GONÇALVES, 2010, p. 11).

Nesse itinerário da “comunidade política imaginada” Anderson (1985, p. 14) afirma que “Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”.

Delineia-se ainda a questão da identidade cultural que não é relativamente nova, sendo vários e diferentes os conceitos e as teorias. E no final chegaremos à conclusão de que o conceito de identidade passa por uma revolução conceitual constante devido as modificações históricas. Temos algumas considerações sobre o que seria a concepções de identidade, segundo Hall mencionado por Moresco (2015):

A primeira compreende a pessoa humana como indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. Possuidor de uma identidade que surge no nascimento e permanece a mesma ao longo da vida. A segunda envolve um indivíduo cuja identidade não é autossuficiente e centrada, mas formada na relação com outras pessoas, mediadoras de outros valores, sentidos e símbolos. Aqui a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade. A concepção do sujeito pós-moderno, entretanto, abarca um sujeito sem uma identidade fixa, essencial ou estável. É, portanto, formada e transformada histórica e continuamente de acordo com a cultura que permeia o indivíduo (p. 174).

Essa terceira postura do sujeito pós-moderno nos aponta a perspectiva de estudarmos a diversidade, não para delimitar, mas para tentar detectar todos os diferentes códigos culturais que permeiam a formação do indivíduo. Na contemporaneidade, o sujeito vai buscar o passado (histórias e memórias) na “floresta de signos” (MASSAGLI, 2008, p. 57) que faz convergir para produção de novas identidades. Neste sentido, o social e o simbólico são dois processos distintos, mas necessários para a construção e manutenção das identidades. Eis, então, que as condições simbólicas são os meios pelos quais podemos verificar as relações sociais em que se define quem são os excluídos e os incluídos.

Como sugestão para a montagem da nossa proposta vamos mostrar a identidade ao mesmo tempo como uma estratégia de inclusão e um mecanismo de exclusão: ela situando o indivíduo em um grupo social, como premissa básica, admitimos que alguns personagens, por exemplo, no romance *Os ratos* tendem a diferenciar-se socialmente em relação com o outro, demarcando distâncias e fronteiras. Ainda, segundo o autor, em outras palavras, “a literatura não é apenas uma manifestação cultural de caráter derivativo, mas é também produtiva”. Nesse aspecto, não podemos deixar de destacar Germano que nos diz que “A literatura é

instrumentalizada como afirmação da identidade nacional, pautada na valorização dos caracteres locais e ferramenta para se projetar o futuro da nação. Conforme Cândido (2006), é um momento de “consciência amena do atraso” associada à idéia de “país novo”, apto à transformação” (2012, p. 03).

Sobre a representação ficcional da sociedade a obra *Os ratos* contribuí para o delineamento do perfil cultural da sociedade porto alegreense dentro do contexto histórico da década de 1930.

Poderíamos ainda adicionar que dentro dessa representação ficcional a sociedade porto alegreense em vias de se tornar moderna, abandona as suas antigas formas de relação, por exemplo, “o mecanismo do favor” (SCHWARZ citado por CARDOSO, 2013, p. 87). Nesta perspectiva, Naziazeno Barbosa é dos personagens da literatura brasileira que acreditam na resolução de um problema financeiro através da simpatia de seus pares:

Tal postura aponta para uma incompreensão do mecanismo que rege as relações mediadas pelo dinheiro nas metrópoles, que em parte, se distanciam do mecanismo do favor, como descrito por Schwarz (2012), e tão comum em outros tempos, que não aquele em que ambos os personagens se encontram. Enquanto se quer uma sociedade em vias de se tornar moderna, esta deve abandonar as suas antigas formas de relação, passando a valorizar a sua utilidade prática para aquele sistema (SOUZA, 2003), deixando de lado os princípios que valorizam o favor tornando-o uma espécie de “cerimônia de superioridade social” (SCHWARZ e SOUZA apud CARDOSO, 2013, p. 87).

Vejamos que a obra traz uma visão histórico-crítica das transformações da sociedade porto alegreense ao longo do romance que apresenta a narrativa sobre um trabalhador em situação financeira difícil. A temática dos trabalhadores em situação financeira difícil continua bastante atual. Podemos afirmar que, se abrimos nosso olhar para História, notaremos que o passado não está morto para sempre. Conforme já exposto, verifica-se que a obra favorece uma possibilidade real de reflexão onde as condições simbólicas são os meios pelos quais podemos verificar as relações sociais em que se define que são os excluídos e os incluídos.

No romance *Os ratos*, encontramos uma sociedade construída sobre valores de cunho essencialmente materialista que ignora a subjetividade do ser e a rebaixa de tal forma que o homem se despe do que lhe faz humano e o transforma em pobre diabo frágil e malgrado que se vê sem outra perspectiva de futuro que não seja reiniciar a batalha perdida a cada manhã.

O personagem se mostra como elemento de inadaptação as relações mediadas pelo dinheiro nas metrópoles. Naziazeno consome o dia inteiro na busca incessante pelo dinheiro

para pagar o leiteiro, que ameaçara cortar o fornecimento do leite, caso não liquidasse a quantia no dia seguinte. Nisso, pode haver uma aproximação com a personagem Raaskolnikov, de *Crime e Castigo*:

Irá relatar a vida de um jovem que saiu de sua cidade natal para estudar Direito em São Petersburgo, porém se viu em apertos e precisou trancar a faculdade, para conseguir se sustentar. Raskólnikov se encontrava em grande miséria, não tendo dinheiro para pagar o minúsculo cubículo, alugado de uma velha usurária, viúva de um ex-funcionário público (GOMES, 2012, p. 81).

Ainda, segundo Gomes (2012, p. 81) a personagem Raskólnikov, por exemplo, é uma representação perfeita desta personagem com todas as suas complexidades, tormentos e inseguranças, resultado do meio capitalista e hostil em que vive o homem do século XIX.

Neste sentido, a personagem Raaskolnikov, de *Crime e Castigo* e o personagem Naziazeno, de *Os ratos* se aproximam, pois, encontramos um acervo comum de temas e motivos para as obras dos escritores, ambos elegeram “os despossuídos, aqueles que jamais chegaram ao status de proprietários ou capitalista, por sua situação não apenas social, mas funcional” (ZILBERMAN apud CARDOSO, 2013, p. 84).

Para potencializar o debate aqui estabelecido, torna-se importante destacar que em *Os Ratos*, temos a lembrança do romance *Ulisses*, escrito por James Joyce, publicado em 1922. O objetivo do personagem Bloom é retornar ao fim do dia para a sua casa e sua esposa. O enredo parece simples como também, do romance *Os ratos*, em que o objetivo do personagem Naziazeno é obter o dinheiro para pagar o leiteiro no prazo de um dia, observando em ambos a existência do fato de ser um dia na vida de um homem no mundo moderno do início do século XX.

2. 1 Literatura regionalista do século XX

Como comentado anteriormente, a literatura brasileira, desde os tempos do Romantismo, traz referências às temáticas regionais, à tentativa de exprimir, através do literário, a expressão de um povo em consonância com os propósitos culturais de demarcar os horizontes nacionais, a “comunidade política imaginada” (ALBUQUERQUE apud GERMANO, 2012, p. 02) cujo discurso da fraternidade ressaltando os laços históricos,

culturais, linguísticos e afetivos servem de fomento para a origem da nação. É esforço constituir um grupo homogêneo e unido, uma vez que se verifica que:

A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar, (vem de regere, comandar). [...]. Historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício do poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação (ALBUQUERQUE apud GERMANO, 2012, p. 02).

Neste caso, temos diferentes grupos sociais, no interior da nação, podemos dizer que [...] a língua é que dá coesão a este “espírito nacional” (ANDERSON apud PISTORELLO, 2011, n.p.).

Deste modo, com base nas ideias de Germano (2012, p. 02) podemos dizer que os escritores, chamados de “regionalistas românticos”, desenvolvem incursões nas realidades culturais, antes relegadas ao esquecimento, com o objetivo de resgatarem a essência do povo. Nesta perspectiva, continua, o autor, a literatura é instrumentalizada como afirmação da identidade nacional, pautada na valorização dos caracteres locais e ferramenta para se projetar o futuro da nação.

Traçando um panorama histórico dos romances que trazem referências às temáticas regionais, em particular, o que tiveram o intuito de valorizar as particularidades regionais do país, podemos citar na estreia *O Cabeleira* (1876), *Inocência* (1872), *A Escrava Isaura* (1875) e *O Gaúcho* (1870).

Fazendo o breve recorte sobre Franklin Távora (Baturité-CE, 1842 - Rio, 1888) podemos destacar que o autor de *O Cabeleira* foi o mais modesto dos romancistas. Lutou tenazmente pela criação da Literatura do Norte, o que o torna um dos fundadores do nosso regionalismo.

Todavia essas primeiras produções são em si “[...] fruto do momento da supervalorização exótico nacional um posicionamento narrativo incongruente, mecânico, sem um verdadeiro aprofundamento no que toca à identidade da nação e às características regionais que lhe são peculiares” (ALBUQUERQUE apud GERMANO, 2012, p. 03).

Neste cenário, emerge o “narrador oligárquico”, politicamente, segundo Lessa (1999, p. 04) podemos entender a oligárquica como sistemas autônomos de poder local ou privado, baseados na propriedade da terra e em vínculos patrimoniais.

Assim, a partir dessas ilhas de poder privado², emerge

O narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas províncias e das parentelas dominantes. Esta vinculação dos intelectuais brasileiros a interesses locais é que, em grande medida, torna a segmentação regionalista um dos aspectos determinantes da produção artístico-cultural do país (ALBUQUERQUE apud GERMANO, 2012, p. 03).

Segundo Lessa (1999, p. 04) na Primeira República brasileira é empreendida pelo presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) a “política das salvaçãoes”, contra algumas oligarquias estaduais, o autor comenta que o presidente percebe as oligarquias como “degenerescência do novo regime” republicano.

Como nos afirma Santos (2011, p. 01) “o regionalismo literário brasileiro não pode ser visto apenas no âmbito da manifestação estética”. (Obs.: Claro que pode, porém, não deve deter-se somente aos princípios estéticos). Estiveram sempre associadas a ele as manifestações política e social.

Dessa forma, com a instalação da República temos a nova feição regionalista, em contraponto a valorização as particularidades regionais do país, presente, por exemplo, na obra Franklin Távora.

Em contraponto a tal esteio literário, cujo aporte é o descritivismo paisagístico, a feição regionalista chega ao fim do século XIX marcada pelas correntes científicas de orientação positivista, pela inevitabilidade do determinismo e pelas análises sociais da dialética marxista (GERMANO, 2012, p. 03).

Nesta fase, a história da literatura brasileira, a vertente regionalista apresenta uma característica peculiar:

Exibem um foco das regiões como agentes determinantes na formação do caráter humano, ressaltando-se muito mais a supremacia dos ambientes “puros” e “antes de tudo fortes”, no caso euclidiano; ou a fraqueza nata, o parasitismo de determinado território, conforme Lobato. Geralmente, nos dois autores, o viés naturalista se sobressai e o discurso literário ressoa como representação das concepções biopsicológicas e antropogeográficas com acento à explicação do homem: reflexo do meio (GERMANO, 2012, p. 03-04).

[...] a partir de 1840, com o Golpe da Maioridade –, ilhas de poder privado fixaram-se por todo o território ocupado. (LESSA, 1999, p. 04).

Dona Guidinha do Poço (1891) de Oliveira Paiva, *Luzia Homem* (1903) de Domingos Olímpio, *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha representam uma nova vertente regionalista. Dessa forma, são resultados da evolução regionalista que vai se modificando e adaptando, conforme o contexto desenvolvimento cultural, econômico, social e político do país. Deste modo, o “narrador oligárquico” (LESSA, 1999, p. 04), terá que conviver com esta nova realidade na Primeira República, de orientação positivista, o novo sistema, como citamos, percebe as oligarquias como “degenerescência do novo regime”. Para a literatura, “[...] cabe ser porta-voz das vertentes científicas e procurar, ao máximo, alinhar seus conteúdos com os padrões do cânone europeu. É uma literatura de dependência e de imitação” (GERMANO, 2012, p. 03, 04).

Ao mesmo tempo, neste contexto, devemos lembrar que o positivismo estimulou a organização técnico-industrial da sociedade moderna:

A obra de Condorcet traça um quadro do desenvolvimento da humanidade, no qual os descobrimentos e invenções da ciência e da tecnologia desempenham papel preponderante, fazendo o homem caminhar para uma era em que a organização social e política seria produto das luzes da razão. Essa idéia tornar-se-ia um dos pontos fundamentais da filosofia de Comte (COMTE, 1978, p. 06).

Nessa linha, a filosofia de Comte influenciou muito o Brasil entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX. No que se refere ao Rio Grande do Sul, assinalamos que o Positivismo, foi bem recepcionado pelos gaúchos. Porto Alegre apresenta abundante registros iconográficos alusivos ao Positivismo. Essa influência pode ser notada na arquitetura, em prédios históricos, e monumentos, conforme Carvalho, mencionado por Oliven (2001, p. 04):

Os militares e políticos brasileiros que proclamaram a República, em 1889, estavam fortemente imbuídos da ideologia positivista. Apesar de ser uma filosofia criada na França, o positivismo teve muito mais sucesso no Brasil que no seu país de origem. Tão forte foi o positivismo no Brasil que, até hoje, existe o que é chamado de arquitetura positivista, referindo-se aos prédios que foram mandados construir por aqueles que estavam no poder durante a República Velha (1889-1930). Há mesmo cidades, como Rio de Janeiro e Porto Alegre, onde ainda existem templos positivistas. A bandeira brasileira tem como lema a frase “Ordem e Progresso”, mostrando a centralidade de Auguste Comte em nossa simbologia.

A questão da arquitetura no romance *Os ratos*, neste ponto podemos dizer que alegoricamente Naziazeno se emaranha, entre esses prédios históricos e monumentos portalegrenses sem dá nome a esses elementos, criando uma atmosfera viva e desconcertante da Porto Alegre da época.

os passos de Naziazeno se emaranham, em repetido vaivém da repartição ao centro, na sua errância pelas ruas. Estas raramente têm nomes declarados — Sete, Ladeira, Santa Catarina —, e são poucos os marcos referidos — as docas, o mercado, a Igreja das Dores, o Hotel Sperb, o Restaurante dos Operários —, mas esses poucos elementos e outras ruas, praças, avenidas, casas e bancos sem nome criam a atmosfera viva e desconcertante da Porto Alegre da época (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115).

O escritor Dyonélio Machado nos conduz, assim,

ao núcleo da cidade moderna: os espaços onde o dinheiro tem sua sede. E mais, nos leva, através, da poderosa metáfora dos ratos, e já numa leitura alegórica, de cunho benjaminiano, a desvendar o núcleo de uma *cidade* moderna periférica, pondo à mostra, a partir de suas classes menos privilegiada e num momento de crise aguda, a tragédia fundamental das economias à margem do capitalismo internacional: a desvalorização constante e secular da sua moeda, o pesadelo da inflação, que a cada *noite* rói o dinheiro duramente conseguido durante o *dia* (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115).

Compreende-se que o romance *Os ratos* desta forma, contribuir para uma reflexão crítica a respeito do positivismo no Brasil. Como já comentamos, o positivismo estimulou a organização técnico-industrial da sociedade moderna, porém, no Brasil – as transformações materiais – modernizaram-se de maneira incompleta, diversa e distorcida.

Mesmo com abolição da escravatura e com a Proclamação da República, o Brasil continuou sem as condições matérias para se modernizar. As relações de favores continuaram sendo a “mediação quase universal” na sociedade brasileira. As idéias europeias continuaram sendo distorcidas, esvaziadas ou mesmo cafetinadas para legitimar a política do favor (ARRIGUCCI JR.: 2000, p. 115).

É por isso que Naziazeno Barbosa é dos personagens da literatura brasileira como dissemos atrás, que acreditam na resolução de um problema financeiro através da simpatia de

seus pares. Deste modo, o romance representa alegoricamente a reprodução das relações de favores que continuam presente no Brasil. Entre estes favores praticados na República Velha (1889-1930), podemos citar o apadrinhamento político, clientelismo, favorecimento na indicação para cargos públicos, etc.

Como o aumento dos “homens livres”, somado com a falta de condições socioeconômicas para integrar essas pessoas à sociedade, o Brasil continuou sendo terreno fértil para a reprodução das relações de favores. Nem mesmo a Proclamação da República, que prometia ao povo a participação política, foi capaz de abalar as relações de favor. Ao invés disso, a República se tornou palco para exercícios do favor, através do apadrinhamento político, clientelismo, favorecimento na indicação para cargos públicos, etc (ARRIGUCCI JR: 2000, p. 115).

Tal práticas de nepotismo acabam desencadeando críticas à República Velha, por exemplo, temos a Semana de Arte Moderna de 1922 que foi responsável por formular críticas à República Velha pela via artística.

Assim, na década de 1920, ocorreu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922 a “Semana de 22 que serviu para introduzir o modernismo no Brasil, o Salão Revolucionário (nome com o qual a Exposição Geral daquele ano entrou para história)” (ROLIM, 2014, p. 137).

Ainda, sobre as contribuições do movimento, Moraes (1978, p. 106), mencionado por Oliven (2001, p. 05) afirma que:

Uma das contribuições do movimento consiste justamente em ter colocado tanto a questão da atualização artístico cultural de uma sociedade subdesenvolvida como a problemática da nacionalidade. Nesse sentido, a partir da segunda parte do modernismo (1924 em diante), o ataque ao passadismo é substituído pela ênfase na elaboração de uma cultura nacional, ocorrendo uma redescoberta do Brasil pelos brasileiros. Apesar de um certo bairrismo paulista, os modernistas recusavam o regionalismo, pois acreditavam que era através do nacionalismo que se chegaria ao universal. Assim, “para os modernistas, a operação que possibilita o acesso ao universal passa pela afirmação da brasilidade”.

Conforme exposto, verifica-se o movimento tece algumas considerações sobre o subdesenvolvimento, e propõe criarmos o ideal de cultura nacional pela afirmação da

brasilidade. Por último, os modernistas recusavam o regionalismo, pois acreditavam que era através do nacionalismo que se chegaria ao universal.

Deste modo, por exemplo, o movimento antropofágico proposto por Oswald de Andrade, “se caracteriza por defender ferrenhamente a intuição e pelo poder de sintetizar em si os traços marcantes da nacionalidade que garantem a unidade da nação” (MORAES apud OLIVEN, 2001, p. 05) recusando o regionalismo.

Por sua vez, Gilberto Freyre através do Manifesto regionalista também fará críticas, contra os descasos da República. Dessa vez, as críticas vieram da cidade de Recife, na época a capital mais desenvolvida do Nordeste.

O regionalismo criticava os malefícios do progresso e a importação de modelos estrangeiros. Por exemplo, no caso dos malefícios do progresso, Gilberto Freyre:

faz a defesa das ruas estreitas e critica a tendência, já então existente, de construir grandes avenidas e a mania de mudar nomes regionais de ruas e lugares velhos para nomes de poderosos do dia, ou datas politicamente insignificantes (OLIVEN, 2001, p. 06).

Já no caso da importação de modelos estrangeiros, Gilberto Freyre, alertava “sobre as consequências malélicas de modelos estrangeiros que são impostos sem levar em consideração as peculiaridades e sua diversidade física e social” (OLIVEN, 2001, p. 06) do Brasil. Deste modo teremos no Manifesto um discurso que procura “preservar não só a tradição em geral, mas especificamente a de uma região economicamente atrasada” (OLIVEN, 2001, p. 06). Temos de ressaltar aqui, citando, Oliven (2001, p. 06) que:

O movimento de 1926 tem um sentido, de certa maneira, inverso ao de 1922. Trata-se de um movimento que não atualiza a cultura brasileira em relação ao exterior, mas que deseja, ao contrário, preservar não só a tradição em geral, mas especificamente a de uma região economicamente atrasada.

Quanto ao Romance de Trinta e seus representantes, Cândido, citado por Germano, reconhece que:

A literatura produzida por esses escritores representa a tomada de “consciência catastrófica do atraso” associada à idéia de “país subdesenvolvido”, sujeito às perdas culturais ocorridas, primeiramente, nas regiões ameaçadas pela modernização, como por exemplo, o Nordeste

açucareiro em tempos de decadência”. Com essas finalidades e essas estruturas a “Literatura produzida, a partir do mecanismo de formação da identidade, recebe o rótulo estereotípico de literatura regionalista do Nordeste, ou Romance de Trinta” (2012, p. 05).

Trata-se – diga-se desde logo:

[...] para fixar a identidade regional nordestina, projetou-se o exagero das semelhanças vividas em nível estadual com intuito de alimentar uma identidade fixa de Nordeste, com base na seca, na miséria, no cangaço, no messianismo, no sistema de produção de natureza feudal, na visão patriarcal da colonização e na mistura cultural ali vivida (2012, p. 07).

Concluimos que houve uma preocupação constante do modernismo brasileiro da Primeira geração (1922-1930) e do movimento de 1926 em buscarem as raízes nacionais, valorizando o que haveria de mais autêntico no Brasil. Os modernistas recusavam o regionalismo, pois acreditavam que era através do nacionalismo que se chegaria ao universal. Já Gilberto Freyre, frisa “a necessidade de uma articulação interregional, Freyre toca num ponto importante e atual: como propiciar que as diferenças regionais convivam no seio da unidade nacional em um país de dimensões continentais como o Brasil? (OLIVEN, 2001, p. 06).

Logo, por parte de ambos houve uma preocupação com a “República que se tornou palco para exercícios do favor, através do apadrinhamento político, clientelismo, favorecimento na indicação para cargos públicos, etc. (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115) É da época da República Velha a tendência de intelectuais pensarem o Brasil e discutirem a viabilidade de haver uma civilização nos trópicos (OLIVEN, 2001, p. 05). Nessa perspectiva, houve na época um incômodo em relação à maneira como a política era conduzida pelas elites brasileiras. Tanto assim é que em 1922 tivemos a primeira revolta tenentista que questionava o sistema vigente no país e, mesmo sem defender uma causa ideológica específica, recomendavam modificações no sistema eleitoral e na educação pública da República Velha

Finalmente, falamos anteriormente que a filosofia de Comte influenciou muito o Brasil entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX. Paralelamente, o positivismo, também recebe críticas, entre elas podemos citar:

Como o positivismo reduz o movimento da sociedade ao processo numérico e racionalizado da lógica quantitativa, Horkheimer, justifica, que a verdadeira compreensão da sociedade, só pode se dá na apreensão dos processos sociais. No conhecimento, “suas determinações que não têm origem em elementos puramente lógicos ou metodológicos, mas só podem ser compreendidos em conexão com os processos sociais reais” (HORKHEIMER apud BARRA et al, 2008, p, 31,32).

No romance *Os ratos*, encontramos uma sociedade construída sobre valores de cunho essencialmente materialista, numa lógica quantitativa, portanto o romance apresenta uma crítica a organização da sociedade moderna.

O escritor Dyonélio Machado nos conduz, assim, “ao núcleo da cidade moderna: os espaços onde o dinheiro tem sua sede, pondo à mostra, a partir de suas classes menos privilegiada e num momento de crise aguda, a tragédia fundamental das economias à margem do capitalismo internacional: a desvalorização constante e secular da sua moeda, o pesadelo da inflação, que a cada noite rói o dinheiro duramente conseguido durante o dia. (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115). Demonstrando uma atmosfera viva e desconcertante da Porto Alegre da época. Nas páginas a seguir, nos aprofundaremos nas peculiaridades da experiência urbana no romance dos anos 1930.

2. 2 *Literatura regionalista e a experiência urbana no romance dos anos 1930*

Pela ótica de Albuquerque, citado por Germano (2012):

O próprio surgimento do que passa a ser chamado de “romance de trinta” ter-se-ia dado pela identificação completa dos autores com sua paisagem, com seu meio, passando a senti-lo, a vê-lo, a dizê-lo como nunca se fizera antes. [...], esse romance expressava uma realidade coletiva, fiel às tendências de um povo e às características de uma região, relacionando as lembranças dos autores ao que havia de mais essencial na estrutura da sociedade (p. 05).

Particularmente Germano (2012) pôs às claras que de posse do ideal nacionalista gerados em 1922, os escritores do Nordeste, fundamentados nas obras do sociólogo Gilberto Freyre, procuraram inserir, nas suas obras literárias, uma experiência social que “punham em evidência os conflitos inerentes à dualidade sociocultural: homem urbano, do litoral, elitizado

versos homem rude, do interior, bestializado” (GERMANO, 2012, p. 05-06). Segundo Germano (2012) esse movimento põe em marcha às mudanças nos procedimentos artístico-culturais propostas no Manifesto Regionalista de 1926. Na mesma linha de raciocínio, é possível dizer que o Manifesto Regionalista foi um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais do Nordeste.

Daí salientarmos que a temática regionalista reaparece na literatura brasileira notadamente com força a partir da década de 30, período que ficou conhecido como “o romance regionalista de 30”. Nesse período, não podemos deixar de destacar que [...] nessa fase, era para a produção literária nordestina que estavam voltadas as atenções. José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos são alguns dos nomes que se destacaram nessa fase (SARAIVA, 2009, p. 03).

Na análise de Almeida, citado por Saraiva (2009, p. 03) observamos que os escritores identificados como regionalistas “pareciam mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa”. Segundo Saraiva (2009, p. 03) nas suas obras ficcionais, os escritores demonstravam uma visão social da realidade, e “o romance social torna-se a forma narrativa dominante, definido, por assim dizer, o perfil estético da época.

Neste sentido, possivelmente, a intenção dos escritores identificados como regionalistas fosse não se fecharem em um espaço sacralizado e congelado pelo tempo da saudade. Assim, é próprio dos autores não trazerem uma imagem da região com parâmetros memorialísticos e tradicionalista. Na análise desta temática, o leitor vai encontrar um regionalismo “utópico”, um “território de revolta”, conforme Albuquerque mencionado por Germano, (2012, p. 06), portanto, há uma instância discursiva voltada à denúncia e, em essência, muito além do regionalismo tradicional.

As contradições entre os primeiros regionalistas tradicionais e os regionalistas revolucionários acentuam-se, na medida em que os primeiros negam o presente ao legitimar o passado, todavia, ainda nas palavras do autor, os regionalistas revolucionários questionam o presente com objetivo de construir um futuro mais justo, em que a supremacia da coletividade fosse um fim comungado por todos os homens (GERMANO, 2012, p. 07).

O romance *Os ratos*, questiona o presente com objetivo de construir um futuro mais justo. A obra firma um compromisso como os problemas reais, por exemplos, os derivados do capitalismo.

Já no nível da experiência urbana, revela-se que o romance *Os ratos* ambientado ficcionalmente numa capital provinciana encontra-se como um dos representantes inaugural da experiência urbana dos anos 1930. No contexto e circunstâncias em que havia um esgotamento de nossa experiência oligárquico-latifundiária. Neste sentido, Gil (2004) comenta que a experiência urbana entrou em nossa literatura sorrateiramente, pela porta dos fundos. Como se pode identificar no trecho que segue abaixo:

[...] a experiência urbana entrou em nossa literatura sorrateiramente, pela porta dos fundos, como se ali não quisesse estar ou ali estivesse a contragosto, dada menos pela expansão das formas de sociabilidade e pelo ritmo da vida urbana e moderna, e muito mais pelo esgotamento de nossa experiência oligárquico-latifundiária. Não para menos essa experiência urbana dos anos 30, que diria inaugural, tem sua ambientação ficcional em capitais de província, como, por exemplo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Maceió, e menos em cidades que eram ou que se pretendiam metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo. A contiguidade de experiências históricas diversas, ou seja, a passagem de uma experiência de mundo rural para um mundo urbano - que se articula numa espécie de temporalidade dual sincronizada e articulada num mesmo espaço -, associada a um fluxo externo de avanço e de modismos mais precário, parece exacerbar o senso dos contrários dessa experiência social e literária nas pequenas capitais de província (GIL, 2004, p. 73).

Fato curioso é que a experiência urbana no romance dos anos 1930 acabou acontecendo com mais intensidade nas capitais, por exemplo, o Manifesto regionalista de Gilberto Freyre teria sido lançado em Recife, na época a capital mais desenvolvida do Nordeste.

Ainda no nível da experiência urbana, dizíamos no começo desta monografia, que os trabalhadores rurais adquiriram uma certa vivência urbana, mas ao mesmo tempo muito diferente da sua experiência social no campo, por exemplo, as relações de favores “foi a nossa mediação quase universal” (SCHWARZ, 2010, p. 16 apud MENEGHETTI, 2013, p. 15) que não se sustenta em razão do processo de urbanização e de modernização pelo qual as cidades brasileiras estavam passando nos anos de 1930.

Vale ressaltar que Dyonélio Machado reflete o trânsito dessa experiência do esgotamento rural que vai como que desembocar em representações diferentes da vida urbana brasileira. Feitas estas considerações, lançamos mão do plano da narrativa, isto é, na representação da vida urbana brasileira, citando Fernando Cerisara Gil temos: [...] um entrecruzamento de temporalidades - um tempo rural, residual, morto ou meio fantasmagórico, por um lado, e por outro um tempo urbano, moderno - parece ser um dos aspectos constituintes de algumas obras de ficção dos anos 1930. (2004, p. 73)

Em suma, o que há na narrativa de ficção dos anos 1930 é, em primeiro lugar, sujeito que vivem as problemáticas do mundo urbano. Na perspectiva de Gil (2004) o autor sugere que no contexto da experiência urbana, temos sujeitos cindidos, “alheios a si mesmos e distanciados do mundo urbano que não reconhecem como seu, mas como algo separado, estranho e hostil”.

Foi a partir desse suporte teórico que atentemos, para o fato de que no romance *Os ratos*, no contexto específico da experiência urbana, há prevalência de um mundo urbano estranho e hostil em que o personagem Naziazeno se encontra desenraizado, perdido no meio da multidão.

Ainda, verificamos que na obra em questão o mundo das ruas emerge como um universo de perda e supressão da individualidade, lembrando uma passagem do já clássico estudo do filósofo húngaro, Lukács, mencionado por Klauck (2009), não permitindo a construção de uma narrativa épica:

O romance moderno substitui a epopeia na sociedade atual, na medida em que as condições do mundo contemporâneo não permitem a construção de uma narrativa épica, caracterizada pela representação de heróis coletivos e de conquistas dos povos. O romance moderno, por outro lado, está ligado à subjetividade do homem, a sua relação com o mundo em que vive e às problemáticas que enfrenta dentro da realidade que o cerca (p.1).

Por último, faz parte do romance de ficção dos anos 1930, por exemplo, no romance *Os ratos*, [...] dar feição a vivências na cidade a partir de uma dicção narrativa que vai da experiência amesquinhada ao disparate” (GIL, 2004, p. 69).

Não à toa que estão, que desde o começo, segundo Arrigucci Jr. (2000, p. 115) “o livro chama a atenção pelo modo como apresenta literariamente a realidade através das relações entre a interioridade de Naziazeno e o mundo exterior”. Adiante, o autor cita a cena com o leiteiro, onde, nota-se que a história se subjetiviza segundo a perspectiva do personagem.

Na primeira cena com o leiteiro nota-se que a história se subjetiviza segundo a perspectiva do personagem, mediante a narração em estilo indireto livre, que molda o mundo conforme o prisma de quem o vê. A atitude de Naziazeno beira a agressividade, mais acentuada quando desiste do essencial, para se reduzir, impotente, à penúria. Mas sempre revela o movimento de sua vontade: ora assume em si a realidade em torno, subjetivizando-a, ora se projeta sobre ela, autossugestionando-se nos círculos concêntricos da mesma ideia fixa. O fundamental sempre está dado no seu confronto direto com o real (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115).

Naziazeno, de Dyonélio Machado, um herói a quem chamamos de problemático, tem dificuldade de lidar com a urbanização e a modernização pela qual as cidades brasileiras passaram nos anos 30, dado no seu confronto direto com o real.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O HERÓI CLÁSSICO E O HERÓI PROBLEMÁTICO

Do ponto de vista estrutural, iniciamos o texto fazendo um exercício de comparação entre o herói clássico e o herói problemático. Acreditamos que este exercício de “comparação pode ser uma forma prática de desautomatizar a percepção dos factos” (ILARI: 2013, p. 65) se atribuímos uma identidade a cada um deles, por exemplo, na tragédia grega, o herói é um personagem oriundo da mitologia dos grandes ciclos épicos, pertencente a uma estirpe ilustre e, muitas vezes, com ascendência divina (ARAÚJO, 2014, p. 183) como não podemos perceber na linhagem de Naziazeno.

E, então, no romance *Os ratos* que, por suas características urbanas, destaca a precariedade da condição humana ao mostrar de forma angustiante a influência do dinheiro na vida do personagem Naziazeno. Nesse contexto, percebemos que “todas as sociedades históricas são sociedades de classes” (KOTHE, 2000, p. 6), o que envolve, por exemplo, uma classe “alta” e uma classe “baixa”. Conforme as considerações de Flávio R. Kothe: Haver uma classe “alta” e uma classe “baixa” se reflete de modo fundamental e necessário na literatura, tanto no modo de ser dos personagens e enredos quanto As narrativas são sistemas cujas dominantes geralmente têm sido algum tipo de herói (2000, p. 6).

Desse modo, o personagem Naziazeno, têm sido um tipo de herói proletário da ficção, que mantém característica de um pobre-diabo. No romance de Dyonélio Machado o leitor vai encontrar manifestações que consegue reunir diversas experiências do proletariado reveladoras de um pobre-diabo. Assim temos:

O pobre-diabo, patético pequeno-burguês quase sempre alistado nas hostes do funcionalismo público mais mal pago, vive à beira do naufrágio econômico que ameaça atirá-lo a todo instante à porta da fábrica ou ao

desamparo da sarjeta, onde terá de abandonar os restos do seu orgulho de classe (PAES, 1990, p. 18).

Do ponto de vista dos clássicos modernos, citando Flávio R. Kothe, “o grande personagem tende a ser de extração social baixa” (KOTHE, 2000, p.66). Podemos afirmar, que “o percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo” escreveu Kothe que o percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Segundo o autor, antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade. Por sua vez, o herói moderno, nas palavras de Kothe, passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa (2000, p.65).

A partir do questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa, é certo que podemos inferir sobre a natureza densa do romance de Dyonélio Machado no qual o mundo das ruas emerge como um universo de perda e supressão da individualidade. No texto analisado, encontramos uma criatura desenraizada, perdida no meio da multidão, um pobre diabo, pois viver é uma tarefa torturante para o homem que “morre” todo dia como ele. Poderíamos ainda afirmar que o romance de Dyonélio Machado compartilha com James Joyce na obra *Ulisses*³ uma certa falta de crença no futuro.

Idealizar outro plano? Tem uma preguiça doentia. A sua cabeça está oca e lhe arde, ao mesmo tempo. Aliás, o sol já vai virando pra a tarde (já luta há meio dia!), perdeu já a sua cor doirada e matinal, uma calma suspende a vida da rua e da cidade. Alcides talvez não o esteja esperando. E o seu desejo mesmo é não encontrá-lo, não encontrar ninguém. Não vai voltar pra casa. A questão dos níqueis é o de menos... Não voltará também à repartição, no expediente da tarde. (Os seus papéis ficaram sobre a carteira. Todos o esperam, passam-se as horas. À hora de fechar, o Clementino hesita: guardará ou não?) Não sabe como encherá a tarde. O seu “nevoeiro” só lhe permite ver um raio muito pequeno, muito chegado. Àquela hiperaguda fixação num ponto, em que estivera até então, como é bom suceder um período vazio... vazio... Porque é preciso renunciar àquele desejo de conseguir o dinheiro. Não se arranjam sessenta mil-réis quando se quer... Renunciar... Pagar o leiteiro, entregar-lhe a importância: “— Tome, é o seu dinheiro.” Virar-lhe as costas sem dizer mais nada, sem mesmo querer reparar na sua cara espantada, surpresa e o seu tanto arrependida agora... Outra vida ia começar (MACHADO, 2004, p.08).

Publica 1922. A história passa-se em um único dia, 16 de junho de 1904, em Dublin. Seus personagens, Stephen Dedalus, Leopold Bloom e Molly Bloom, enfrentam situações correspondentes aos episódios da Odisseia, de Homero. Nessa obra, James Joyce reinventa a linguagem e a sintaxe. Radicaliza a linguagem narrativa, explorando processos de associação de imagens e recursos verbais, paródias estilísticas e o fluxo da consciência. Também incorpora teorias da psicanálise freudiana sobre o comportamento sexual. O livro é proibido no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde só é liberado em 1936. (FRAZÃO, Dilva. **Biografia de James Joyce**. s.d. Disponível em: https://www.ebiografia.com/james_joyce/. Acesso em: 29 jun. 2017).

Ainda, sobre o ponto de vista dos clássicos modernos, considera-se, neste estudo, a questão do romance moderno como o descortinado pelo filósofo húngaro Georg Lukács, como ficou dito mais acima, “o romance moderno substitui a epopeia na sociedade atual” (LUKÁCS, mencionado por KLAUCK, 2009, p.1).

A nossa segunda consideração sobre o romance moderno diz respeito à forma romanesca de narrativa proposta pelo filósofo:

A forma romanesca de narrativa, [...] seria o resultado de forças histórico-filosóficas que vêm configurando as sociedades há alguns séculos, alimentando a subjetividade do homem ao mesmo tempo em que o distanciando da totalidade do mundo. A realidade do indivíduo tornou-se centrada nele mesmo e em como ele se relaciona com a sociedade que o abraça. Nesse sentido, não mais o texto épico estaria preparado para narrar o homem, já que o conteúdo essencial da epopeia é imbricado a uma relação de totalidade com o mundo que não mais impera no sujeito (LUKÁCS apud KLAUCK, 2009, p.2).

Diante do exposto, torna-se necessário entender que os heróis da epopeia, [...] “nem Aquiles nem o Cid nunca duvidam das ideias, crenças e instituições do mundo” (PAZ, 2009, p. 1). Enquanto o mundo que rodeia o herói novelesco é tão múltiplo, ambíguo como eles próprios, o romance moderno está ligado à subjetividade do homem. São moinhos ou gigantes o que Dom Quixote vê? São gigantes e são moinhos!? Nesta perspectiva [...] “o realismo no romance é uma crítica da realidade e até uma suspeita do que seja tão irreal como sonhos e as fantasias de Dom Quixote” (Paz, 2009, p. 1).

Enfim, a posição do homem moderno é radicalmente distante da que assumiu no passado. O homem ficou só e destronado. Enquanto os épicos se detêm as ações, aos grandiosos, o romanesco vislumbra as implicações das ações, o resultado das relações, de maneira a destacar a relação solitária do homem dentro do todo material e social que o abarca, de modo que a coletividade do herói clássico se contrapõe com a individualidade do homem moderno. Naziazeno um herói a quem chamamos de problemático, tem dificuldade de lidar com a urbanização e a modernização na Porto Alegre nos anos 1930.

Essa sociedade gira em torno de vínculos sociais que são locais e temporários, ou seja, a atomização do social sugerida por Lyotard, citado por Fonte:

[...] os vínculos sociais são locais e temporários e os indivíduos são átomos que se encontram na encruzilhada de vários jogos de linguagem. A relação com os outros indivíduos aparece como subsidiária e contingente; a solidão assume o status ontológico da condição humana, assim como ocorre, segundo Lukács, na vanguarda modernista (2006, p. 94).

Nesse sentido, o escritor gaúcho indica isso, ao narrar o homem, narra uma criatura miserável que se conforma simplesmente em estar no mundo, fazendo viver de maneira segundo modelos sociais de comportamento da Porto Alegre nos anos 1930.

O herói é um personagem que em nenhum momento questiona sua situação. Naziazeno, mal tem forças para agir, uma inércia domina todo o personagem, a ponto de faltar-lhe ânimo para levantar e olhar se ratos devoravam o dinheiro - como podemos constatar através do seguinte trecho:

Vai levantar!

Meio “prepara” a energia, a decisão muscular. Fica todo acuidade. Quer examinar ainda a sua ideia um instante, antes de se erguer. Tem uma fadiga... uma irresolução... Como essa que experimenta de manhã quando acorda e não se anima a deixar a cama...

Os ratos estão roendo, roendo, perto dali, no canto do soalho... Talvez seja a própria tábuca do soalho que eles estão roendo... (MACHADO, 2004, p. 28).

Desse modo, o herói, que está representado no romance *Os ratos* apresenta as principais características do novo tipo de anti-herói como podemos constatar no final da citação, através do seguinte trecho:

A tensão entre o herói e o mundo, tensão que supunha certo equilíbrio de forças, desaparece. Forçado, como o herói desiludido, à aceitação das "formas de vida" que lhe são impostas pela sociedade, o pobre diabo já não tem mais a força daquele para recuar sobre si e conservar intacta na alma, ainda que frustrada, a interioridade dos seus ideais. Isso porque as formas de vida social a que está submetido são as mais tirânicas delas. A necessidade econômica em nível de quase penúria e a ameaça sempre iminente da degradação última de classe fazem dele um joguete sem vontade, cuja pavidez e cuja resignação rondam os limites da saturação. Daí que a sua interioridade entre em processo de dissolução, como a do protagonista de *Angústia*, ou se apague num grau zero que é a do anti-herói de *Os Ratos* (PAES, 1990, p. 50).

Daí lembramos que a obra se passa em apenas um dia e narra à história de Naziazeno, um homem que tem uma discussão com o leiteiro, a quem deve uma quantia mínima em dinheiro de 53 mil réis, encontrando-se nesse contexto, envolvido em dificuldades financeiras de quase penúria. Não devemos perder de vista as ameaças sempre iminentes, em *Os ratos*, o leiteiro ameaça cortar o fornecimento do leite, o mesmo não aceita mais desculpas, caso o herói não efetue o pagamento e, neste caso, o leite pode representar uma ambivalente proteção maternal ou o capitalismo que tudo transforma em mercadoria, até o próprio homem.

Sobre essa ameaça cortar o fornecimento do leite podemos constatar através do seguinte recorte:

Naziazeno encaminha-se então para dentro de casa. Vai até ao quarto. A mulher ouve-lhe os passos, o barulho de abrir e fechar um que outro móvel. Por fim, ele aparece no pequeno comedouro, o chapéu na mão. Senta-se à mesa, esperando. Ela lhe traz o alimento.

— Ele não aceita mais desculpas... Naziazeno não fala. A mulher havia-se sentado defronte dele, olhando-o enquanto ele toma o café.

— Vai nos deixar ainda sem leite... Ele engole o café, nervoso, com os dedos ossudos e cabeçudos quebrando o pão em pedaços miudinhos, sem olhar a mulher. — É o que tu pensas. Temores... Cortar um fornecimento não é coisa fácil.

— Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: “Lhe dou mais um dia!” Naziazeno engole depressa o café que tem na boca:

— Não foi bem assim...

— “Lhe dou mais um dia”, tenho certeza. “Isto é um abuso!”, e saiu atirando com o portão (MACHADO, 2004, p. 02).

Desta forma, a ameaça faz com que Naziazeno se sinta impelido a virar as páginas por medo e vergonha, o protagonista inicia uma tarefa torturante, uma busca pela quantia que o salvará da dívida. Nesse aspecto o trabalho do personagem Naziazeno é bem diferente dos 12 trabalhos de Hércules. É possível perceber que o herói grego recebe tarefas que correspondem às necessidades emocionais, psíquicas e sociais da coletividade, tornando-se um arquétipo ou exemplo extraordinário: obrigar o cão Cérbero a mostrar-se à luz do dia foi o último dos trabalhos de Hércules. O escritor inglês Grey, citado por Macedo interpreta assim a aventura: “Esse cão com três cabeças denota o passado, o presente e o futuro, que recebem e, por assim

dizer, devoram todas as coisas. Que tenha sido vencido por Hércules prova que as ações heroicas são vitoriosas sobre o tempo e subsistem na memória da posteridade” (2010, p. 1).

Em outro passo, a tarefa de Naziazeno não o leva à posteridade, pois é oposta à do herói grego, por apresentar um trabalho sem uma elevada nobreza: levantar uma quantia mínima em dinheiro de 53 mil réis para pagar o leiteiro. Outro aspecto desta tarefa diz respeito à individualidade, uma vez que a mesma não trata de valores coletivos e nem de assuntos elevados, isto é, de temas nobres. O personagem em questão trata de um tema de seu cotidiano. Destacamos outro ponto de nossa investigação: diferente de Hércules, o herói de Dyonélio Machado não parte para o enfrentamento, pois nota-se uma constante fuga perante os seus credores. Outra característica do “herói” é que ele vive em um total descompromisso e conta apenas com a sorte.

Quando nos referimos ao protagonista da narrativa, Naziazeno Barbosa podemos inferir que o herói é um personagem dominado pelo meio, pelas circunstâncias e situações vividas, o que o torna incapaz de superar conflitos sociais ou psicológicos. Configura-se, deste modo, a presença de um protagonista fraco, incompetente, humilhado, inseguro, inepto e quase sempre “atacado de envergonhada e paralisante ironia” (ARANTES, 2008, p. 26) em constante confronto com o mundo. Naziazeno Barbosa é assinalado, pois, por uma postura paradoxal e seu perfil o qualifica como um herói da literatura moderna que não realiza proezas, no entanto quer realizá-las e não consegue devido sua estreita visão de mundo.

E a análise desse aspecto paradoxal permite uma aferição com a postura paradoxal do herói quixotesco que é enquadrado como herói problemático. Segundo a definição, Lukács, mencionado por Arantes:

Lukács enquadra o Quixote “num idealismo abstrato, caracterizado pela atividade do herói e por sua consciência demasiado estreita à complexidade do mundo. Portanto, o “herói problemático” é aquele que rompe com as convenções sociais que, no caso do cavaleiro da Mancha, acontece de forma radical (2008, p. 95).

Feijó, citado por Arantes (2008, p. 95) definiu o herói moderno a partir das características presentes no Quixote: “O herói é aquele que quer ser ele mesmo ou aquele que tem vontade de ser aquilo que na verdade não é. O herói moderno não é o que faz a epopéia, mas o que a deseja. O herói da literatura moderna não realiza façanhas, mas quer realizá-las e não consegue”.

Citando Arantes (2008) foi essa postura paradoxal que cooperou para que tais personagens fossem chamados de heróis problemáticos, podemos constatar através do trecho abaixo, trazido por Lukács, mencionado por Arantes que:

Essa postura paradoxal cooperou para que tais personagens fossem chamados de heróis problemáticos, ou ainda, o que Dostoievski classificou de “anti-herói”. O advento desses personagens que vivem “em permanente confronto com o mundo” (Lukács, 2000) só foi possível porque o contexto social impedia que “um poeta grande e honesto” pudesse achar “em seu universo um “herói positivo” (2008, p. 95).

No romance *Os ratos* o escritor gaúcho forja um protagonista com uma dimensão de anti-herói. Neste caminho, de modo especial, podemos considerar os argumentos de que no romance em questão perde-se o caráter de um clássico herói e dá-se uma dimensão a que chamamos de herói problemático, ou ainda, o que Dostoievski classificou de “anti-herói”, como ficou dito mais acima.

Não podemos deixar de reconhecer que o protagonista Naziazeno Barbosa vive “em permanente confronto com o mundo” (Lukács apud Arantes, 2008, p. 95), dessa maneira, vamos seguir as proposições de que o romance *Os ratos* trata das questões sociais e das questões referentes à problemática da coisificação dos indivíduos.

Na busca incessante pelo dinheiro, nota-se no romance uma igual intensa e incessante movimentação de Naziazeno, um caminhar em círculos voltando para um ponto fixo.

Na compreensão do romance de Dyonélio Machado, notamos que, tanto da cidade, quando a dos amigos, constitui um conjunto completo de relações que se organiza para manter um capitalismo que tudo transforma em mercadoria, até o próprio homem.

Desse modo, o herói é um personagem que perde “sua condição de humanidade e transformam-se em relações entre coisa” (Lukács apud D’Angelo, 2011, p.31), onde “os vínculos sociais são locais e temporários” (Fonte, 2006, p. 94) no cotidiano porto alegre. Foi a partir desse suporte teórico que confirmamos a hipótese de que o herói problemático através de sua inadaptação à urbe denuncia a sociedade capitalista de forma alegórica. Dessa maneira, seguimos as proposições de Lukács mencionado por D’Angelo que trata do fenômeno estrutural da cultura burguesa, ou seja, a reificação que está ligada ao processo de transformação do trabalho humano no capitalismo:

Trata-se de um fenômeno estrutural da cultura burguesa, que tem como fundamento a mercadoria. No capitalismo tudo se transforma em mercadoria, até o próprio

homem, que é incorporado ao processo de produção como uma extensão da máquina. O processo de reificação realiza-se quando as relações humanas perdem sua condição de humanidade e transformam-se em relações entre coisa (2011, p.31).

Na obra de Dyonélio Machado, notamos que o processo de reificação realiza-se quando as relações no romance mostram-se dispersas e fragmentadas. Naziazeno Barbosa, não se encontra salvo na sociedade capitalista, onde desempenha o papel de mercadoria, encontrando-se disperso e fragmentado, envolvido em ações cada vez mais humilhantes baseadas em homens de negócios que, na verdade são envolvidos em atividades suspeitas, esquemas ilegais e falcatruas. E, aí, o mundo das ruas do protagonista é povoado de parasitas que transitam num ritual financeiro. As terríveis ações serão realizadas por ele, sozinho ou junto com Alcides e o Duque – como podemos constatar, através do seguinte trecho: “Daí que as andanças do anti-herói, sozinho ou junto com Alcides e o Duque, seus companheiros de demanda, sejam por locais vinculados ao ritual financeiro: o mercado e seu café anexo, onde corretores, biscateiros e mordedores entabulam negócios; o banco e a loja de penhores” (PAZ, 2009, p. 53).

No romance em causa podemos ilustrar, um mundo infestado de homens de mal caráter ideologicamente insignificantes e interessados apenas na sua sobrevivência, em seu bem-estar. Homens dispersos, que não se encaixam em movimentos ou regras morais. Observamos que a narrativa segue com a jornada de Naziazeno e seus comparsas. Em sua visão crítica sobre o espaço da cidade, notamos que a sociedade capitalista de forma alegórica devoradora seus habitantes, como expressa José Antônio Cavalcanti, através do seguinte trecho: “A cidade assemelha-se a um monstro devorador dos seres que a viabilizam, assumindo-se, portanto, como espaço de irrealização pessoal. Arquitetura tentacular, submete seus hóspedes a um rol interminável de pequenas tarefas inexpressivas e amesquinadoras da natureza humana” (2008, p. 01).

Durante a travessia do protagonista Naziazeno, notamos a permanência de uma vida árida e angustiante. Reconhecemos as fracassas ações do personagem durante um dia. Desse modo, temos a representação de um dia de vida de um homem no mundo moderno do início do século XX. Nesse contexto, não encontramos laços de Naziazeno com a cidade, e nem foram resgatados por meio do costume e da prática dos seus ancestrais nenhum vínculo e hospitalidade, como os dignos de louvor na *Ilíada*, de Homero. Tal semelhança não é encontrada no romance *Os ratos*, pois, a cidade assemelha-se a um monstro e ocorre que os personagens vivem “em permanente confronto com o mundo” (Lukács, 2003).

Não podemos deixar de lembrar que na cidade, o “sol-moeda” se apagara do céu quando uns dos comparsas, Duque, consegue renovar o penhor de um anel em umas lojas de penhores do corredor financeiro que sujeita os homens a leis abstratas e impessoais que dominam toda a sociedade. A vulnerabilidade de Naziazeno não acaba com aquisição do vil metal, em um momento ele traz prazer, aconchego e felicidade, em outro impede o protagonista de usufruir do “repouso feliz” – como podemos constatar, através do seguinte trecho:

Vai levantar!

Meio “prepara” a energia, a decisão muscular. Fica todo acuidade. Quer examinar ainda a sua ideia um instante, antes de se erguer. Tem uma fadiga... uma irresolução... Como essa que experimenta de manhã quando acorda e não se anima a deixar a cama...

Os ratos estão roendo, roendo, perto dali, no canto do soalho... Talvez seja a própria tábua do soalho que eles estão roendo...

Estuda bem a “questão”: se os ratos roem dinheiro... Vê os ninhos, os papéis picados, miudinhos, picadinhos, uma moinha... uma poeira... Sente um pavor e um frio amargo dentro de si! Aquela nota verde, gordurosa, graxenta, está sendo roída... roída... roída... Esse fato está se passando agora... é contemporâneo dele!... Os ratos estão roendo ali na cozinha... na mesa... são dois... são três.... andam daqui para lá... giram... dançam... infatigáveis... afanosos... infatigáveis.... (MACHADO, 2004, p. 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se do ponto de vista estrutural que iniciamos o texto fazendo algumas considerações sobre o processo de urbanização, processo esse que trouxe mais implicações no cotidiano das pessoas, mudando a realidade social, cultural e urbana. Procuramos, apresentar por meio desta monografia, que os trabalhadores rurais presenciaram um obstáculo de outra ordem, adquirindo uma certa vivência urbana, mas ao mesmo tempo muito diferente da sua experiência social no campo. Seja como for, se torna cada vez mais nitidamente que nessa inter-relação, a vivências na cidade revelou-se amesquinhada no romance *Os ratos* (1935) que captou e estilizou a problemática da urbanização e industrialização da cidade.

Mas, sobretudo, o romance organizou-se – de uma forma que a integridade da obra não permitiu, como não podia deixar de ser, uma dissociação entre a literatura e sociedade porto alegreense contexto histórico da década de 1930.

Cumprir ainda dizer que o texto procurou refletir também sobre panorama brasileiro, onde tínhamos o fim da República Velha e o começo de uma grande transformação político-social e novos modos de produção. Nesse processo complexo notamos que Getúlio Vargas em 1930 propões uma nova orientação para política econômica do governo baseada na modernização do país. Desse modo, Getúlio Vargas demarcou novos horizontes nacionais, sob a égide do capitalismo.

Percebemos, que na obra *Os ratos* uma sociedade moderna, que na sua identidade e no seu desejo, atribui uma identidade ao mesmo tempo, como uma estratégia de inclusão e um mecanismo de exclusão: ela situando o indivíduo em um grupo social. Assim, as características dos personagens e suas as condições simbólicas possibilitaram uma reflexão sobre as relações sociais em que definiram que são os excluídos e os incluídos no romance em questão.

Interessa lembrar que a comparação pode ser uma forma de desautomatizar percepção dos fatos. Quando trabalhamos a “literatura regionalista de vinte consideramos que ela pode ser [...] a representação discursiva das estruturas agrárias a mercê da modernização que era celebrada como urgência nacional pelas elites paulistas” (GERMANO, 2012, p. 05).

Das comparações feitas, conclui-se que os escritores de trinta que eram identificados como regionalistas “pareciam mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa” (Almeida apud Saraiva, 2009, p. 03).

Na análise desta temática, apresentamos um regionalismo “utópico”; “território de revolta”, conforme Albuquerque mencionado por Germano (2012, p. 06), portanto, a uma instância discursiva voltada à denúncia e, em essência, muito além do regionalismo tradicionais.

Concluimos que, no conjunto de episódios, conforme previa Lukács, na obra discutida, as relações humanas perdem sua condição de humanidade e transformam-se em relações entre coisas, isto é, num processo de reificação. Encontramos uma sociedade construída sobre valores de cunho essencialmente materialista que ignora a subjetividade do ser e a rebaixa de tal forma que o homem se despe do que lhe faz humano e o transforma num herói problemático frágil e malgrado que se vê sem outra perspectiva de futuro que não seja reiniciar a batalha perdida a cada manhã.

Desta forma, o escritor gaúcho forjou um protagonista com uma dimensão de anti-herói. Neste caminho, de modo especial, podemos considerar os argumentos de que no romance em questão perde-se o caráter de um clássico herói e dá-se uma dimensão a que chamamos de herói problemático, ou ainda, o que Dostoievski classificou de “anti-herói”, como ficou dito no decorrer do texto.

Necessário se faz refletir que o personagem Naziazeno Barbosa se comporta como um homem que vive “em permanente confronto com o mundo” (LUKÁCS, 2000, citado por ARANTES, 2008, p. 95), dessa maneira, seguimos as proposições de que o romance *Os ratos* (1935), de Dyonélio Machado tratou das questões sociais e das questões referentes à problemática da coisificação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Editora Ática, São Paulo, Ed Ática, 1985.

ANDRADE, Cristina F.F. de. **Arquitetura de Porto Alegre na década de 30**. XII Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 03 a 07 de outubro de 2011. Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – EDIPUCRS. Anais/SIC/XII. Porto Alegre: 2011.

ARANTES, Aldinéia Cardoso. **O estatuto do anti-herói**: estudo da origem e representação, em análise crítica do "Satyricon", de Petrônio e "Dom Quixote" de Cervantes /Aldinéia Cardoso Arantes. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá: [s.n.], 2008.

ARAÚJO, Orlando Luiz de. **A tragédia Grega encena a philía e a transgressão**: um estudo da Electra, de Sófocles. In: Silva, Solonildo Almeida da (Org.) Arte Interloquções IFCE e UFC. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

ARRIGUCCI Jr., Davi. **O cacto e as ruínas**: A poesia entre outras artes. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 160 p. (Coleção Espírito Crítico), 2000.

BARRA, Alex Santos Bandeira et al. **Teoria Crítica ao Positivismo**. Revista São Luis Orión - v. 1 - n. 2 - jan./dez. 2008.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Crescimento e desenvolvimento econômico**. Notas para uso em curso de desenvolvimento econômico na Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Versão de junho de 2008.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9a edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Fernando Juarez de. **De dependentes a pobres diabos**: um breve percurso da pobreza na literatura brasileira. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: 2013.

CAVALCANTI, José Antônio. **Na cidade dos homens invisíveis**, São Paulo: Revista Travessias, v. 2, n. 1. 2008.

COMTE, Auguste, 1798-1857. **Curso de filosofia positiva; discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista / Auguste Comte; seleção de textos de José Arthur Giannotti; tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. – São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).**

CUNHA, José Marcos Pinto da. **Migração e urbanização no Brasil**: alguns desafios metodológicos para análise. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 3-20, out./dez. 2005.

D'ANGELO, Marta. **Saber-Fazer Filosofia**: Pensadores Contemporâneos. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. – (Coleção Saber-Fazer Filosofia 3).

FONTE, Sandra Soares Della. **As fontes heideggerianas do pensamento pós-moderno**. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2006.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de James Joyce**. s.d.

GERMANO, Patrícia Gomes. **Jorge Amado: Romancista de trinta e/ou escritor de utopias?** Revista *electrónica de los Hispanistas de Brasil*. ISSN 1676-9058 (espanhol) ISSN 1676-904X (português). Hispanista – Vol. XIII nº 51 – Outubro – Novembro – Dezembro de 2012.

GIL, F. C. **Experiência Urbana e Romance Brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, n. 64, p. 67-76. set./dez: Editora UFPR, 2004. O romance da urbanização: a modernidade a contrapelo. Revista Letras, Curitiba: Editora UFPR, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor**. Rev. Mediações, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

GOMES, Ilson Fernando et al. **Um estudo da personagem Raskólnikov da obra Crime e Castigo de Dostoievski**. Anais Eletrônicos do VI Colóquio de Estudos Literários. FERREIRA, Cláudia C.; SILVA, Jacicarla S.; NOGUEIRA, Sônia R. (Org.) Diálogos e Perspectivas, Londrina (PR), 06, 07 e 28 de novembro de 2012.

GONÇALVES, Aline Pereira et al. **O rato que vê, o olho que rói: um estudo multifocal de Os ratos, de Dyonélio Machado**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

ILARI, Rodolfo. **O português no contexto das línguas românicas**. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al (Org.) Gramática do Português. V.I. Coimbra: Fundação Calauste Gulbekian, 2013.

KLAUCK, Ana Paula. **O herói problemático de Georg Lukács: aplicação da teoria em Os Ratos, de Dyonélio Machado**. Revista Voz das Letras, Concórdia, n. 12, 2009.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. 2ª ed. Série Princípios, Editora Ática, São Paulo, 2000.

LESSA, Renato. **Oligarquias**. CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. 1999.

LUKÁCS, Georg, 1885-1971. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista/ Georg Lukács; tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jannini**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Tópicos).

MACEDO, Márcio. **O cão Cérbero**. Disponível em: <http://newyorkibe.blogspot.in/2010/12/jabu-versus-malcolm-x.html>. Acesso em: 19 fev. 2017.

MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Homem da multidão e o flâneur no conto ‘O homem da multidão’ de Edgar Allan Poe**. Terra roxa e outras terras, v. 12, p. 1-170, jun.2008.

MELERO, Dante Lisandro Oliveira. **A urbanização do Rio de Janeiro na República Velha: uma análise criminológica da “vagabundagem”** a partir da obra de Evaristo de Moraes. Curso de Ciências jurídicas e Sociais, Departamento de Ciências penais, da Faculdade de Direito, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2012.

MENDES, Bruno Moretti Falcão. **O problema da reificação em História e Consciência de Classe de Georg Lukács**. Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2011.

MENEGHETTI, Marcus Vinicius Pereira. **Um olhar benjaminiano sobre João do Rio: O trabalho e o consumo na modernidade carioca**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação (Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo). Porto Alegre, 2013.

MONTEIRO, Adriana. **Décadas de mudanças**. Editora Globo S.A. da Redação Globo Rural. 2015.

MORESCO, Marcielly Cristina. **O conceito de identidade nos Estudos Culturais Britânicos e Latino-americanos: Um resgate teórico**. Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática. E-ISSN 2175-4977 – v. 14 n. 27, 2015.

NETO, José Vieira. **O fenômeno da Urbanização no Brasil e a violência nas cidades**. Espaço em Revista. v. 13, n. 2 (2011).

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e Modernidade no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, Volume 15, nº 2, Abr-Jun 2001, Revista da Fundação Seade, 2001.

PAES, J. P. **O pobre diabo no romance brasileiro**. In: __. **A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PAZ, Octavio, **Signos em rotação**, São Paulo: Perspectiva, 2009.

PINHEIRO JUNIOR, Fernando Antônio França Sette. **A evolução das políticas sociais no Brasil: o período de 1930 a 2019**. Doutorando em Administração Pública e Governo pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV) e Secretaria de Desenvolvimento e Integração do Norte Nordeste de Minas Gerais do Governo de Minas Gerais (SEDINOR/MG) 2014.

PISTORELLO, Daniela. **Comunidade, nação e nacionalismo numa perspectiva cultural**. Resenhas online ISSN 2175-6694, 111.03 ano 10, mar. 2011.

ROLIM, Herbert. **Arte: interlocuções IFCE e UFC/ (Org.) Solonildo Almeida da Silva e Simone Cesar da Silva**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

SANTOS, Rogério Santana dos. **ST 19 – Regionalismo Literário Tradicional e suas influências na Literatura Brasileira Moderna e Contemporânea**. Estudos literários. I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Regionalismo e Interdisciplinaridade. Universidade de Caxias do Sul – UCS. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade – Curso de Letras. 2011.

SARAIVA, Eneile Santos. **O Regionalismo Literário**: Um estudo de Os Flagelados do Vento Leste e de Vidas Secas. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 7 - Novembro. 2009- ISSN 1983-2354 Especial- Afro-Brasileiros: Construindo e Reconstruindo os Rumos da História. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, T. T. da. **Pobre diabo, cidade e favor**: uma análise de “Os Ratos”. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ZORRAQUINO, Luis D. **O processo de urbanização brasileiro e a formação de suas metrópoles**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de História e Teoria, 2005.